

Os Druidas e a Religiosidade Celta: **Os Sacrifícios Humanos na Gália Pré-romana**

Prof. Ms. Filippo Lourenço Olivieri¹

Doutorando em História
CEIA -UFF

filippoolivieri@click21.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é debater o sacrifício humano na Gália pré-romana. De acordo com as narrativas clássicas, os druidas eram os responsáveis pelos sacrifícios. O sacrifício humano era um dos temas mais comuns associados aos costumes bárbaros. A pesquisa arqueológica recente tem investigado santuários e túmulos que revelaram práticas rituais que sugerem sacrifícios humanos.

Os celtas tinham crenças sobre a alma que pretendemos articular com os rituais de imolação de seres humanos.

Palavras-chave: Sacrifícios humanos, druidas, Gália pré-romana

Abstract

This article aims to debate the human sacrifice in pre-roman Gaul. According to the classic narratives, the Druids were those responsible for performing sacrifices. Human sacrifice was one of the most common issues associated to barbarian costumes. Recent archaeological research has investigated sanctuaries and some burial sites that unveiled ritual practices which suggest the existence of human sacrifices.

The Celts had beliefs about the soul, which we intend to articulate with the ritual practices of immolation of human beings.

Keywords: Human sacrifice, Druids, Pre-roman Gaul

INTRODUÇÃO

O tema dos sacrifícios² humanos era um dos mais citados pelos autores clássicos. Muitas citações eram baseadas em repetições de autores do período anterior à conquista da Gália por Roma. Na verdade, trata-se de um clichê sobre o suposto barbarismo dos celtas. Autores como Cícero, entre outros, utilizaram este tema como uma forma de propaganda para desqualificar os celtas, realçando a visão de que eram inimigos da civilização romana. A prática dos sacrifícios humanos serviu para realçar o caráter não civilizado, e particularmente inimigo da cultura romana.

As pesquisas arqueológicas modernas têm tido dificuldade em caracterizar de forma inquestionável os sacrifícios humanos através dos restos humanos encontrados em sítios encontrados no domínio celta.

Entretanto, este tema é extremamente relevante para compreendermos a dinâmica da sociedade celta na Antiguidade antes da conquista dos territórios celtas por Roma. Para além dos clichês dos autores clássicos, devemos empreender uma pesquisa que nos permita abordar tal tema e o seu lugar no sistema de crenças dos celtas. Este sistema de crenças era capitaneado pelos druidas.

OS SACRIFÍCIOS HUMANOS: AS PRINCIPAIS FONTES CLÁSSICAS E OS INDÍCIOS ARQUEOLÓGICOS

Um dos relatos mais repetidos, chegando a ser um clichê, pelos autores clássicos diz respeito aos sacrifícios humanos realizados pelos povos celtas na Gália. Uma vez que muitos são os autores que relatam a prática dos sacrifícios humanos, citaremos aquelas que consideramos relevantes:

César nos fornece a descrição mais importante e completa sobre esses sacrifícios:

“Todos os povos gauleses são imoderadamente dados às coisas da religião (*dedita religionibus*), por esta razão todos aqueles que são acometidos doenças graves, aqueles que se encontram frequentemente em combates expostos a graves perigos, tomam homens como vítimas sacrificiais ou fazem voto de fazer tais sacrifícios; para esses sacrifícios eles fazem uso do ministério dos druidas (*sacrificia druidibus utuntur*); eles crêem que só podem acalmar os deuses imortais somente oferecendo a vida de um homem por outra vida humana eles fizeram desse gênero de sacrifícios de instituições públicas. Outros têm representações de uma grandeza colossal feitas com vime trançado e enchem-no de homens vivos; metem, então, fogo e os homens envoltos nas chamas encontram a morte. Os suplícios daqueles que estão sob algum voto ou que cometem crime são os mais agradáveis aos deuses; mas quando não há esse tipo de homens, eles acabam por sacrificar os inocentes” (César, VI, 13-14).

Em Diodoro Sículo temos o seguinte relato:

“É costume entre eles (os gauleses) não realizar qualquer sacrifício sem a presença de um druida. Eles dizem, com efeito, que é necessário oferecer sacrifícios de ação de graças aos deuses por intermédio desses homens que conhecem a natureza divina e falam, por assim dizer, a mesma língua dos deuses; eles pensam que é somente através deles (os druidas) que se devem fazer pedidos aos deuses (...)” (DIODORO, V, 31).

“(...) Conforme a sua natureza selvagem, eles são extremamente ímpios a respeito aos seus sacrifícios; para os seus criminosos, eles mantêm

prisioneiros durante cinco anos e, então, os penduram em honra aos seus deuses, dedicando a eles juntamente várias oferendas como as primeiras frutas colhidas e constroem piras de grande tamanho. Cativos são também vítimas para sacrifícios em honra aos deuses. Certos entre eles, por outro lado, matam, juntamente com seres humanos, os animais que são tomados na guerra, ou os queimam de outra forma vingativa” (DIODORO, V, 32).

Outra referência de suma importância provém de Estrabão:

“(…) eles observavam os presságios através das convulsões de um homem, designado como vítima, que eles golpeavam nas costas com uma espada. Eles jamais sacrificavam sem que um druida estivesse presente. Sabe-se também de outras formas de sacrifícios humanos entre eles: por exemplo, matam certas vítimas com flechas, ou os suspendiam nos templos, ou ainda confeccionavam uma efígie gigante de palha e de madeira e, após enchê-la de gado e animais selvagens de todo gênero e de homens, fazem então um holocausto” (ESTRABÃO, I, 4).

O esquema abaixo mostra alguns tipos de sacrifícios relatados pelas principais fontes clássicas acerca do tema. Além dos autores citados neste trabalho, temos Plutarco (Plutarco 13) e os Scholiastes (Scholiastes I, 445-446) à Farsália de Lucano.

	César	Diodoro	Estrabão	Pom. Mela	Plutarco	Scholiastes
Queimados	X	X	X	X		X
Pendurados		X	X			
Espada		X	X			
Flechas			X			
Afogados						X
Enforcados						X
Degolados					X	

A identificação dos sacrifícios humanos é um dos desafios mais persistentes da arqueologia que envolve a pesquisa sobre os celtas. Miranda Green considera a dificuldade:

“Com exceção das armas, como flechas, lanças ou adagas, associadas com restos humanos, é geralmente difícil de identificar uma morte 'penetrante', com exceção das condições de conservação, como aquelas obtidas nos corpos em turfeiras, onde as partes de carne podem ficar intactas. Em se tratando somente de esqueletos, existem poucas circunstâncias em que um ritual de morte possa ser estabelecido, embora o contexto da morte possa ser sugerido” (Green 2002: 87).

Outra questão que envolve a identificação segura da prática dos sacrifícios humanos é a diferenciação entre uma vítima conduzida viva até o recinto sagrado e, então, ser sacrificada. Após a morte em combate, o corpo seria conduzido para receber um tratamento ritual no recinto sagrado. Como ressalta Jean-Louis Brunaux que defende o fato de que certos restos humanos em santuários são, na verdade, troféus:

(…) Mas os restos descobertos em recinto sagrado não pode por este único contexto ser forçosamente considerado como de vítimas sacrificiais. A priori, nada os distingue de oferendas, do tipo troféu, ou

seja, de corpos recolhidos no campo de batalha com as armas que os equipavam (Brunaux 2006: 110-111).

Todavia, existem fortes indícios arqueológicos de que sacrifícios humanos tenham sido praticados na Gália pré-romana. Contudo, é importante ressaltar que a identificação dessas práticas na maioria das vezes é problemática, uma vez que nem sempre um esqueleto encontrado apresenta marcas que possam ser remetidas aos sacrifícios. Além disso, acreditamos que a maioria dos sacrifícios humanos era realizada via cremação, fato que dificultaria ou mesmo inviabilizaria a identificação desta prática. Vale notar, que o tipo de sacrifício mais relatado nas fontes clássicas era pelo fogo. Acreditamos que o principal tipo de sacrifício humano fosse perpetrado através da cremação. Uma vez que esta preferência pode ter acompanhado, a partir do século III a.C., a mudança nas práticas funerárias na qual a cremação tornou-se mais comum que a inumação.

O corte das cabeças era uma prática onipresente nos relatos sobre os celtas. Mesmo em relação a outros povos como os citas, os relatos são semelhantes como cortar e transportar a cabeça dos inimigos e fixá-las aos seus cavalos e o orgulho que os guerreiros citas demonstravam em portar tais troféus. Um dos sítios mais conhecidos é o santuário do *oppidum* de Entremont, na Provença (França). Este local, atribuído aos salúvios, notabilizou-se por apresentar uma iconografia com representações de guerreiros sentados na conhecida posição da flor-de-lótus e que costumam ser datados no século IV e III a.C. Vários traços indicam uma forte influência celta, tanto no armamento como na presença de torques no pescoço dos guerreiros. Há a divergência de tratar-se de divindades ou heróis. As reconstituições mais atuais mostram que uma dessas estátuas estaria ostentando cabeças cortadas sobre os seus joelhos e pernas, às vezes, empilhados como se fossem troféus. Num caso, as duas mãos da divindade estariam assentadas sobre duas cabeças. Nesse mesmo contexto, no santuário de Roquepertuse, encontram-se pilares do portal do santuário com nichos onde crânios humanos estavam encaixados nesses buracos.

A iconografia também apresenta imagens de cabeças humanas fixadas aos pescoços de cavalos, como é isto em um fragmento de um vaso encontrado na região dos arvernos, em Aulnat (Auvérnia) e uma estela do sul da Gália (Green 2002: 93-110). Encontra-se o mesmo tema em uma fíbula da iconografia ligada aos celtiberos (Lernerz-de Wilde 1997: 540). Em relação às cabeças decepadas e fixadas existem outros indícios que não devem ser desprezados como os furos encontrados em fragmentos de crânios. Tais furos evocam o relato de Diodoro (V, 29) sobre os aristocratas celtas fixarem os crânios dos inimigos nas portas de suas casas. Entre os exemplos temos crânios encontrados na França em Roissy-em-France (Oise), no território dos belovacos e datado do século IV a.C., um crânio no rio Saône, leste da França, e na Escócia, em Hillhead (Green 2002: 103-104). Os furos não são acidentais e têm contornos bastante precisos, e certamente fixavam os crânios com pregos. A pesquisa arqueológica também tem encontrado restos humanos em poços teriam sido usados como silos para armazenamento de cereais³ (Delattre 2002: 70-77). Estes silos serviriam de depósito para corpos humanos após o fim do seu uso. Não raro, mais de um esqueleto está presente nos silos encontrados. Estes silos costumam ser comuns na Bacia parisiense e em Danebury (Hampshire), no sul da Britânia.

Todavia, um dos mais impressionantes vestígios de esqueletos humanos que podem se relacionar com sacrifícios humanos foi encontrado em Ribebemont-sur-Ancre e Gournay-sur-Aronde (Picardia). Trata-se de dois santuários no território dos belovacos que apresentam traços notáveis de restos humanos. Ambos datam de La Tène Média, em torno do século III a.C., contudo, o seu uso prolongou-se até o período de Augusto.

Em Gournay, havia ossos nos fossos que circundavam o santuário. Em Ribemont, as pesquisas trouxeram à luz uma enorme quantidade de ossos humanos empilhados formando uma espécie de altar. A pesquisa técnica chegou à conclusão de que os ossos teriam pertencido a homens jovens, cujos corpos estariam suspensos em uma espécie de galpão. O aprofundamento da pesquisa deixou claro que corpos de homens sem cabeça - uma vez que essas não foram encontradas - foram colocados perfilados, como se os administradores do recinto sagrado quisessem reproduzir o exército quando este estava vivo. Os corpos foram mantidos em pé através de uma amarração às vigas de madeira que atravessavam o topo do galpão. Juntamente com os corpos, o armamento completo estava ao lado de cada guerreiro morto, tais como escudos e espadas na cintura. O galpão, por sua vez, estava coberto. No mesmo santuário, um altar retangular, cujas margens foram construídas com ossos humanos longos (Brunaux 2006: 109). Outro sítio, na mesma região, também revelou interessantes traços associados aos sacrifícios humanos. No santuário de Gournay, os ossos humanos foram encontrados no fosso que circundava o recinto cultural. Juntamente com esses ossos, foram depositados restos de armas propositalmente destruídas. Já nos fossos rituais situados no centro do santuário foi encontrada uma grande quantidade de ossos de bois com idade bem avançada e com marca de golpe de objeto perfurante na testa.

Todavia, o mais notável indício da prática de sacrifícios humanos é o chamado Homen de Lindow (Inglaterra), encontrado em 1984, em uma turfeira (pântano com carência de oxigênio) e cuja datação costuma ser situada entre os séculos III a.C. e I d.C. Outros exemplos deste tipo de depósitos de corpos humanos em turfeiras são encontrados na Europa do norte, em particular na Dinamarca, Alemanha e Inglaterra. Ele teve o que Miranda Green (Green 2002: 87) chama de “três formas de morte” Ele foi garroteado, recebeu duas fortes pancadas na cabeça e sua garganta foi cortada de um lado a outro. Por fim, foi o corpo foi atirado no pântano de Lindow Moss (James 1998: 96-97). O garrote foi tão forte que deslocou o pescoço provocando a morte clínica do indivíduo. A vítima era um homem jovem, em torno de 24 anos e gozando de boa saúde. Suas unhas eram bem tratadas o que afasta a idéia de se tratar de um camponês. Neste caso, a conservação de grande parte da carne deste indivíduo permitiu que se observassem os elementos sacrificiais diretamente sobre as partes não ósseas do cadáver.

OS SACRIFÍCIOS HUMANOS E O LUGAR DOS DRUIDAS

Depois da degola das cabeças dos inimigos, o sacrifício humano talvez seja o tema mais recorrente em relação aos celtas. Na verdade, muitos textos se repetem, simplesmente apontando para a prática sem dar maior explicação.

Em Amiano Marcelino acerca dos escordistas⁴, temos:

“O território dos escordistas notadamente, fazendo parte (da Trácia), e ele faz parte de uma província que é distante. Nos anais, nós vemos que eles tinham a brutal ferocidade dessa raça, que sacrificavam seus prisioneiros a Marte e à Belona, e bebiam com prazer o sangue dos crânios humanos” (Amiano Marcelino XXVII, 4).

Esta idéia de matar o prisioneiro de guerra e beber-lhe o sangue ou alguma bebida na calota craniana também é narrada por Tito Lívio acerca da derrota do cônsul Postúmio derrotado pelos boios numa floresta chamada Litana, no norte da Itália, no século III a.C. O crânio do cônsul teria sido usado para libações:

“(…) depois a cabeça (de Postúmio) foi limpa e, segundo o seu costume, o crânio foi folheado em um círculo de ouro e serviu de vaso sagrado para oferecer as libações nas festas. E foi assim pelos pontífices e dos sacerdotes do templo, e aos olhos dos gauleses, a presa não foi menor que a vitória” (Tito Lívio XXII, 24).

Os autores clássicos utilizaram este tema como um clichê que realçava o barbarismo dos celtas. Esse barbarismo estaria associado aos druidas uma vez que eram procurados para realizar os sacrifícios (*administrisque ad ea sacrificia druidibus utuntur*). Contudo, em Diodoro, são os adivinhos, na verdade os vates de Estrabão, que realizam o sacrifício propriamente dito e fazem presságios a partir da observação dos pássaros. Mas, a presença dos druidas é necessária. Em Estrabão (IV, 4), os vates se ocupam das cerimônias religiosas e praticam as ciências da natureza. Aqui, estamos trabalhando com um único grupo, os druidas. Na verdade, o relato de César ainda que não fale de bardos e vates, reúne todos sob a denominação de druidas. Segundo César, todos os que estão doentes ou vão combater buscam o serviço dos druidas. Estes, obrigatoriamente tinham que estar presentes o ofício dos sacrifícios. Ora, temos então os druidas que sacrificam, ou seja, os druidas detinham o monopólio da interpretação dos sacrifícios. Seguramente, somente os nobres podiam solicitar o sacrifício de seres humanos, uma vez que a eles pertenciam os guerreiros feitos prisioneiros nas batalhas, e somente a eles era admitida a tutela sobre os criminosos.

O povo, por sua vez, deveria solicitar sacrifícios com animais de suas criações. Diodoro faz uma revelação de suma importância. Segundo ele, era necessário oferecer sacrifícios de ação de graças aos deuses e que somente cabia aos druidas intermediar estas cerimônias. Isso se dava pelo fato da crença de que os druidas seriam conhecedores da natureza divina e falar a mesma língua dos deuses. Como afirmam César e Diodoro, a população estaria submetida aos vaticínios druídicos. Isso acontecia dessa forma, por que segundo Estrabão a população considerava os druidas como os mais justos dos homens. Os bardos também deviam ter algum tipo de papel durante tais cerimônias, pois segundo Lucano:

“Vocês também, poetas cujos discursos conduzem as almas para a imortalidade as almas dos corajosos mortos na guerra. Vocês têm dirigido, sem medo, numerosos cantos, ó bardos, e vocês, druidas, vocês têm retomado as armas, seus ritos bárbaros e o costume sinistro dos sacrifícios” (Lucano I, 445).

Este trecho de Lucano deixa entrever que os bardos teriam alguma participação nos ritos ligados aos sacrifícios. Ao que parece, com seus cantos, os bardos conduziam as almas. Dessa forma, temos que os principais relatos se complementam, e podemos entender que os druidas eram procurados por pessoas doentes e que temiam pelas suas segurança nas batalhas. Logo, que tinham os seus corpos ameaçados pela doença ou ferimentos e tinham suas vidas em jogo. Para sanar tais perigos, deviam sacrificar vítimas humanas. E somente os druidas podiam dar o aval sobre como proceder durante a cerimônia. Assim, o grupo religioso-político mantinha o controle sobre a plebe através do monopólio dos dogmas, procedimentos e interpretação dos sacrifícios. Enquanto que o acesso à doutrina, ou seja, ao conhecimento esotérico ficava a cargo somente do grupo religioso. Como César (VI, 14) aponta, a preferência pela transmissão oral mantinha e não pela escrita mantinha a doutrina afastada o conhecimento popular. Tal escolha devia acentuar mais ainda a exclusividade sobre os sacrifícios. Este controle também se dava pela interdição dos sacrifícios (*sacrificiis interdunt*) como afirma César (VI, 13), e que seria a pior pena perpetrada pelos druidas. Aqueles sob essa penalidade ficavam

radicalmente excluídos da sociedade e eram desprezados por todos. A ascendência sobre a plebe assegurava também forte influência sobre a nobreza, uma vez que esta prescindia de clientes, os *ambactos*, para assegurar a sua supremacia sobre outros da mesma hierarquia social. O sacrifício deveria também ser um elemento de status para o chefe guerreiro, algo como um tipo de afirmação de sua coragem em combate. Talvez por isso, as moedas de chefes como Dumnorix representem estes chefes brandindo uma cabeça decepada.

No período do império, os sacrifícios humanos perpetrados pelos celtas foram abolidos pelas autoridades romanas. Contudo, a associação desta prática com os druidas foi sempre colocada (Chadwick 1997: 69-83).

A ALMA SEGUNDO OS DRUIDAS: AS CABEÇAS DECEPADAS

A concepção da alma ditada pelos druidas parece ter intrigado os autores clássicos, pelo menos, no que tange às idéias sobre a sobrevivência do espírito após a morte. As concepções sobre a alma foram associadas à doutrina de Pitágoras. Certamente, devido principalmente a isso, Diodoro classifica os druidas como teólogos e filósofos e os associa a Pitágoras: “(...) a crença de Pitágoras prevalece entre eles, que as almas dos homens são imortais e que após um número de anos, elas começam uma nova vida, a alma entra em um outro corpo” (Diodoro V, 28). Diógenes Laércio chega mesmo a relatar que o estudo da filosofia teria se originado entre os bárbaros:

“Alguns afirmam que o estudo da filosofia teria começado entre os bárbaros. Os magos a praticavam entre os persas, os caldeus entre os babilônios ou assírios, os gymnosofistas entre os habitantes da Índia, assim como entre os celtas e gauleses aqueles que são chamados de druidas ou *semnotes* (literalmente, deuses veneráveis); isso é dito de acordo com a autoridade de Aristóteles em seu livro *A Magia* e em Sotiano, no seu vigésimo terceiro livro, *A Sucessão dos filósofos*.” (Diogénes Laércio I, PRÓLOGO 1).

Obviamente, que temos aqui uma distorção quanto à origem da filosofia. Quanto à semelhança com a doutrina pitagórica, trata-se de certas semelhanças que alguns autores clássicos viram na concepção da alma, mas não há qualquer prova concreta de inspiração pitagórica na doutrina druídica, o que não impede supor que os druidas tivessem certos conhecimentos matemáticos articulados com a prática da astronomia (Verdier et Goudineau 2006: 27-78)⁵. Mas, os druidas provavelmente foram os idealizadores do seu próprio sistema de crenças (Perrin 2000: 10). César endossa que o ponto principal da doutrina dos druidas versa acerca de concepções sobre a alma humana. O cônsul relata que:

“(...) Os druidas em primeiro lugar (*In primi hoc volunt*) tentam ensinar que as almas não perecem, mas que após a morte passam de um corpo para outro; eles acreditam que esta crença serve para incitar a coragem (*virtutem excitari*), para que não tenham medo da morte (*mortis neglecto*)” (César VI, 14).

Pompônio Mela relata de forma semelhante a César, dando destaque a indestrutibilidade das almas e faz um relato com conotação escatológica:

“(...) Um dos ensinamentos que eles divulgam ao povo comum (*in vulgus*), para que eles tenham mais coragem na guerra, é que as almas

são eternas e que há outra vida entre os mortos. É por isso que eles queimam ou enterram com os mortos tudo que era caro aos vivos. Os livros de contas e de dívidas eram enviados ao mundo subterrâneo, e havia aqueles que, com prazer, se jogavam às fogueiras fúnebres dos seus parentes, como se quisessem continuar a viver ao seu lado” (Pompônio Mela III, 2).

Talvez o tema mais recorrente presente tanto nos relatos clássicos como na literatura irlandesa e fortemente presente na pesquisa em sítios arqueológicos seja o costume do corte das cabeças. Além dos relatos que já foram apresentados, temos também: Em Diodoro, a importância da manipulação da cabeça dos inimigos vencidos é descrita de forma clara:

“(…) Quando os seus inimigos são vencidos eles (os gauleses) cortam as suas cabeças e as fixam nos arreios dos seus cavalos; e entregam para os seus atendentes (*ambactos*) as armas dos seus oponentes, tudo coberto de sangue, eles os carregam como troféu, cantando uma canção de vitória, e os primeiros frutos das suas batalhas eles prendem com pregos nas suas casas, como alguns homens fazem quando caçam, com as cabeças dos animais que caçaram. As cabeças dos mais distintos inimigos eles embalsamam em óleo de cedro e preservam cuidadosamente em um cofre que eles exibem aos estrangeiros (...). E há entre eles aqueles que se orgulham de não aceitar (pelas cabeças) o mesmo peso em ouro pela cabeça que mostram. Mostram um tipo de grandeza de alma bárbara; não vender o que constitui o testemunho da prova do seu valor como uma coisa nobre, mas para continuar a lutar contra dos da sua própria raça, após a morte, que os coloca ao nível de bestas” (Diodoro V, 29).

A doutrina da alma na concepção dos celtas era disseminada pelos druidas como afirmam os textos clássicos. O lugar da alma com certeza seria uma questão importante e articulada com os sacrifícios humanos. Muitas vezes, partes do corpo são associadas à presença de uma alma. É o que encontramos num dos diálogos de Platão, o *Timeu* (Platão 69). Nesta obra, o filósofo faz uma síntese das crenças dos pré-socráticos, e oferece a descrição da localização da alma no corpo. Platão discorre sobre dois tipos básicos de almas. Uma superior, imortal, que é um princípio imortal de um animal mortal. Esta se localiza no crânio e teria uma forma esférica condizente com a calota craniana. O outro tipo de alma (na verdade, subdividindo-se em três tipos) são as almas consideradas inferiores. Uma delas se situaria no baixo tórax, acima do diafragma. Esta alma é responsável pelo furor guerreiro e pela cólera.

Vale notar que Diodoro Sículo, em sua descrição dos hábitos dos celtas, cita os sacrifícios humanos perpetrados pelos druidas. Um desses sacrifícios consistia em escolher um homem e golpeá-lo com uma espada na região do diafragma, o druida, então, faria suas interpretações a partir das contorções e do fluxo do sangue que fluía da vítima sacrificada. Jean-Louis Brunaux (2000: 64-66) articula a informação contida no *Timeu* acerca da alma do furor guerreiro localizar-se no diafragma e a região do golpe no sacrifício druídico ser relativos à mesma região do corpo, ou seja, a região do baixo tórax, e se não haveria uma mesma origem para as crenças envolvidas. Gregos e celtas poderiam estar compartilhando de uma mesma herança indo-européia. É possível que ao golpearem a vítima na região do diafragma, os druidas estivessem interessados na alma do furor guerreiro, associado às paixões violentas. Na verdade, o que está em questão é que a parte inferior do corpo, onde estão localizadas às vísceras, é sempre associada a emoções tidas como inferiores. Tanto a melancolia, no caso da teoria dos humores, como na cólera, no caso da teoria da localização das almas no *Timeu*, a parte baixa do

tórax ou o abdômen estão ligadas às emoções que se opõem à razão. O furor guerreiro está presente em vários relatos irlandeses e relacionados ao herói Cuchulainn.

A afirmação de César de que uma alma substitui a outra em outro mundo há muito tempo é origem de debate sobre o tipo de doutrina acerca das almas que animava as crenças professadas pela ideologia dos druidas⁶. Para Claude Sterckx (2005: 116-121), os celtas situavam a alma na cabeça. Mais precisamente, no cérebro. Daí que o corte da cabeça provocaria a morte imediata do inimigo, e justificaria o tratamento do crânio que são relatados em algumas fontes. O autor também postula que os celtas associariam a cabeça ao falo e acreditariam que o cérebro seria o depositário do sêmen, devido à semelhança deste com o líquido cefalorraquidiano, daí o sêmen desceria pela espinha até o pênis. A mesma idéia poderia estar presente em algumas estátuas do Hermes grego onde eram representados somente a cabeça do deus e o falo. Logo, o corte da cabeça implicaria uma interrupção da circulação do líquido gerador de vida no qual a alma estaria. Isso explicaria, segundo o autor, porque a reconstituição das estátuas em santuários do sul da Gália, como Entremont, onde divindades na posição da flor-de-lótus ostentam cabeças decepadas sobre suas coxas. Isso poderia assegurar a virilidade dos jovens. Num episódio de *O Conto do porco de Mac Dathó*, o herói Conall Cernach gaba-se durante a disputa pela coxa do porco durante um festim de jamais ter dormido sem uma cabeça decepada de um guerreiro do Connaught em contato com suas coxas. Este relato pode se articular com as estátuas relatadas:

(...) “Eu juro pelo que o meu povo jura que desde que eu pude pegar numa lança, que não se passou um único dia sem que eu não tenha matado um conatiano, um único dia sem que eu não tenha destruído com fogo, e nunca tenha dormido sem uma cabeça de um conatiano abaixo dos meus joelhos” (...). (Ganz 1981: 186).

A concepção das almas se articula com a concepção escatológica celta do fim dos tempos. É possível que a conservação dos prisioneiros de guerra durante cinco anos antes de serem sacrificados, como afirma Diodoro, fosse um ciclo de renovação das almas, ou seja, o sacrifício implicaria na manutenção da circulação e do equilíbrio das almas entre os corpos. É importante ressaltar que no Calendário de Coligny estão representados justamente cinco anos, que podem expressar um ciclo ritual ligado aos sacrifícios, como salienta Diodoro. Numa passagem de Estrabão é relatado que uma comitiva de Alexandre, o Grande dirigiu-se até um povo celta que estaria estabelecido em algum lugar na Trácia, e que seria proveniente das proximidades do Adriático, provavelmente os taurícios. O encontro teria se dado em 335 a.C.:

“(...) Ptolomeu, filho de Lagos, conta que durante esta campanha (expedição de Alexandre na Trácia em 335 a.C.) os celtas estabelecidos nas proximidades do Adriático vieram encontrar Alexandre para obter dele benesses de relações de amizade e hospitalidade. O rei lhes recebeu calorosamente e durante do festim pergunta-lhes no que eles tinham mais medo, persuadido que eles diriam que era dele. Mas eles responderam que não temiam ninguém, e que temiam somente que o céu caísse sobre as suas cabeças, mas eles estimavam a amizade de um homem acima de tudo” (Estrabão VII, 3).

Um relato semelhante a esse é encontrado na literatura irlandesa pré-cristã. Durante uma batalha o rei do Ulster Conchobar diz:

“(...) A menos que o firmamento não caia com uma chuva de estrelas sobre a superfície da terra, que a terra não rache com um sacudir de terra, ou que o mar com suas margens azuis não venha sobre a cabeleira do mundo. Eu reconduzirei cada mulher e cada vaca ao seu repouso, ao seu

recinto, à sua casa e ao seu próprio domicílio, após a vitória da batalha, do combate e da luta” (Guyonvarc’h 1994: 221).

Aristóteles (III, 7) já havia comentado sobre o fato dos celtas não temerem nem os terremotos nem as ondas. Na verdade, o filósofo toma tal fato como um ato de loucura ou insensibilidade. O relato de Estrabão, em particular, costuma ser tomado como uma anedota, todavia, trata-se de um relato que se articula com uma concepção escatológica dos celtas. Como relata este mesmo autor, as almas e o universo seriam imortais, mas o fogo e a água prevaleceriam um dia. Na verdade, acreditamos que se trata de uma concepção de equilíbrio entre os mundos, ou seja, articulando com o relato de César, um equilíbrio entre este mundo e aquele para onde as almas iriam. Uma vez que não fica claro no relato cesariano se estes corpos permutados pelas almas estariam neste ou em outro mundo. No final dos tempos o “rodízio” de almas atingiria o seu termo e o céu desabaria sobre a cabeça dos homens. O fato dos celtas temerem tal evento, não devia se dar somente pelo fato da ruína do universo, mas devido ao fato de que quando esse momento mítico chegar, os sacrifícios seriam inócuos para conter tal destino. Na narrativa de Diodoro haveria certo número de anos para que as almas iniciassem uma nova vida, numa passagem para um outro corpo. Esse tempo deve ser de cinco anos, o mesmo que autor relata para a manutenção dos prisioneiros de guerra entre eles.

CONCLUSÃO

Apesar de inúmeras fontes relatarem que os celtas, particularmente os gauleses, praticavam sacrifícios humanos, a pesquisa arqueológica não encontrou vestígios numerosos sobre essa prática. Os restos humanos em santuários escavados em solo francês demonstram que tais sacrifícios eram realizados, contudo, numa dimensão bem menor que as fontes clássicas deixam supor.

Talvez, tal prática fosse realizada esporadicamente e em ocasiões especiais. É possível que parte do discurso dos autores clássicos fosse parte de uma propaganda para realçar o “barbarismo” dos celtas. Porém, acreditamos que a maioria dos sacrifícios se dava pela cremação, que deixa poucos restos passíveis de análise conclusiva. Assim, não significa que fossem esporádicos. Talvez a caracterização desse tipo de sacrifício ainda esteja por ser mais bem demonstrada.

O papel dos druidas na prática dos sacrifícios humanos era vital para a sua realização. Tal fato foi um dos pontos que a Ordem Romana realçou na repressão aos druidas após a conquista da Gália e posteriormente da Britânia. Os druidas eram os únicos que podiam versar acerca da doutrina que regulava os sacrifícios. Tal fato lhes assegurava uma grande influência sobre a sociedade.

Acreditamos que o estudo dos sacrifícios humanos deve ser articulado com as teorias celtas acerca das almas. Geralmente, esta análise não é realizada, todavia, os sacrifícios deviam seguir a preceitos associados ao destino das almas. Já na Antiguidade, os autores clássicos não entenderam bem o sistema de crenças versado pelos druidas acerca da alma. A associação com as crenças de Pitágoras demonstra a tentativa de compreensão através de comparações com crenças helênicas.

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

- AMMIEN MARCELIN. *Histoire*. Paris: Les Belles Lettres, Livres XIV-XVI, (Trad. Edouard Galletier), 1978.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: *Os Pensadores IV*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973, pp. 245-436.
- CAESAR. *The Gallic War*. Cambridge: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 2004.
- DIODORUS SICULUS. *Library of History (Books IV. 59-VIII)*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- DIOGÈNE LAERCE. *Vies et doctrines des philosophes célèbres*. In: GOUDINEAU, Christian. (Dir.). *Société et religion en Gaule. Principaux textes anciens concernant la religion celtique*. Paris: Errance/Rhône Le Département, 2006, pp. 207-217.
- GANTZ, Jeffrey (tran.). The Tale of Macc Da Thó's Pig. In: _____. *Early Irish Myths and Sagas*. London: Penguin Books, Penguin Classics, 1981, pp. 179-187.
- GUYONVARCH, Christian. (Trad.). *La Razzia des Vaches de Cooley*. Paris: Gallimard, L'aube des peuples, 1994.
- LUCAN. *La Guerre Civile (Pharsale)*. Paris: Les Belles Lettres, Tome I, (Trad. A. Bourguery), 1947.
- PLATON. Timée. In: *Oeuvres Completes*. Paris: Librairie Garnier Frères, (Trad. Émile Chamby), 1939.
- PLUTARQUE. *De la superstition*. Disponível em: <http://www.arbre-celtique.com/approfodissements/druidisme/inventaire-txt/sacrifices-hum> Acessado em 23/08/2003.
- POMPÔNUS MELA. *De Situ Orbis (Chrorografia)*. In: KENDRICK, T. D. *Druids Or A Study in Celtic Prehistory*. New York: Kessinger Publishing's, 2003.
- SCOLIES (ou SCHOLIASTES). À PHARSALE DE LUCAIN. In: BRUNAU, Jean-Louis. *Les religions gauloises. (V-I siècles av. J.-C.). Nouvelles approches sur les rituels celtiques de la Gaule indépendante*. Paris: Errance, 2000.
- TITE LIVE. *Histoire Romaine*. (L. XXII) In: GUYONVARCH, Christian. (Trad.) *Les Druides et le Druidisme*. Rennes: Ouest-France, 1995.
- _____. _____. (L. XXXIII, XXXVIII, XXXIX). In: PERRIN, Franck. et DECOURT, Jean-Claude. *L'aristocratie celte dans les sources littéraires. Recueil de textes commentés*. Glux-en-Glenne: Centre Archéologique européenne du Mont Beuvray, Collection Bibracte n° 5, 2002, pp. 337-412.

BIBLIOGRAFIA

- BRADLEY, R. *The Passage of Arms: an archaeological analysis of prehistoric hoard and votive deposits*. Oxford: Oxbow Books, 1998.
- BRUNAU, J-L. *Les religions gauloises. (V-I siècles av. J.-C.). Nouvelles approches sur les rituels celtiques de la Gaule indépendante*. Paris: Errance, 2000.
- _____. Religion et sanctuaries. In: GOUDINEAU, C. (Dir.). *Religion et société en Gaule*. Paris: Errance/Rhône Le Département, 2006, p. 95-116.
- CHADWICK, N. *The Druids*. Cardiff: University of Wales Press, 1997.
- DELATTRE, V. Le sort reserve aux défunts. In: *Dossiers d'Archeologie. Les Celtes en Île-de-France*. Dijon: Ed. Faton, n° 273, 2002.
- GOUDINEAU, C. et VERDIER, P. Religion et science. In: GOUDINEAU, C. (dir.). *Religion et société en Gaule*. Paris: Errance, 2006, pp. 27-78.

- GREEN, M. *Dying for the Gods: Human Sacrifice in Iron Age & Roman Europe*. Gloucestershire: Tempus, 2002.
- GUYONVARCH, C. et LE ROUX, F. *Les Druides*. Rennes: Ouest-France, 1986.
- JAMES, S. *Exploring the World of the Celts*. London: Thames & Hudson, 1998.
- LENERZ DE WILDE, M. The Celts in Spain. In: GREEN, M. (ed.). *The Celtic World*. London: Routledge, 1997, pp. 533-551.
- MAUSS, M. e HUBERT, H. *Sobre o sacrificio*. São Paulo: Cosacnaify, 2005.
- PERRIN, F. Pythagorisme et druidisme. *L'archeologue. Archéologie Nouvelle*, Hors série n° 2, 2000, p.10.
- STERCKX, C. *Les mutilations des ennemis chez les Celtes préchrétiens*. Paris: L'Harmattan, 2005.
-

NOTAS

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em História da UFF, sob orientação do Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso. O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. Pesquisa: “O papel dos druidas na sociedade céltica na Gália pré-romana dos séculos II e I a.C.”.

² Para uma teoria sobre o sacrificio ver: Mauss e Hubert (2005: 15-24).

³ Ver Bradley (1998: 161). O autor entende que era uma forma de renovar a colheita do trigo.

⁴ Povo celta do Norte dos Balcãs.

⁵ Os autores abordam os indícios de conhecimentos astronômicos que estariam na origem do Calendário de Coligny e mesmo do Caldeirão de Gundestrup.

⁶ Ver Guyonvarc'h et Le Roux (1986: 271-273). Os autores discutem qual seria a denominação correta para a doutrina das almas, metempsicose ou transmigração, metamorfose e reencarnação.